

# SACRAMENTO COMO MISSÃO

1. Oração: Ef 1, 3-10

2. Perguntas Onde estamos? Porque estamos? Como estamos? Para onde Vamos?

3. Respostas

4. Exposição

Esquema:

<u>Sacramento</u>	<u>¿Como?</u>	<u>Missão</u>
<b><u>Batismo</u></b> -> Entrada na família (Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,31-34)	-> Aceitar	-> Entreatada / Testemunho
<b><u>Confirmação</u></b> -> Re-união / “re-cor-dare”	-> Re-aceitação	-> Re-aventurar-se
<b><u>Eucaristia</u></b> (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Jo 6,51-59; 1 Cor 11,23-27) -> “Nova aliança”; recordar	<b><u>-&gt; Participar</u></b>	<b><u>-&gt; Deixar-se enviar</u></b> <b><u>“Ite Missa est”</u></b>
<b><u>Penitência e reconciliação</u></b> -> Reflexo da boa vivência comunitária (Act 19, 18)	-> Confessar	-> Deixar-se envolver pela misericórdia de Deus
<b><u>Matrimónio</u></b> -> Castidade (1Tm 4,13)	-> Fidelidade	-> Amar o Outro
<b><u>Ordem</u></b> -> Consagração de todos e de cada um (Act 15,14)	-> Vocação de Catequista	-> Sim livre
<b><u>Unção dos doentes</u></b> -> Esperança Escatológica	-> Mistério da fé	-> Ter sido semente (Mc 4,21; 9,50; Lc 8,16; 11,33; 14,34-35)

6. Oração Final: Mt 5, 13-16

**Oração do Catequista:**

Senhor, chamas-te-nos a ser catequistas na tua Igreja e na nossa paróquia. Confias-te-nos a missão de Anunciar a Tua Palavra, de denunciar o pecado, de testemunhar, com a nossa vida, os valores do Evangelho. É pesada, Senhor, a nossa responsabilidade, mas confiamos na tua graça. Faz-nos Teus instrumentos para que venha o Teu Reino, Reino de Amor e Paz, de Fraternidade e Justiça. Ámen.

## **Explicação**

### **1. Oração: Ef 1, 3-10**

“3Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. 4Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor. 5Predestinou-nos para sermos adoptados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, 6para que seja prestado louvor à glória da sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem amado. 7É em Cristo, pelo seu sangue, que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça, 8que Ele abundantemente derramou sobre nós, com toda a sabedoria e inteligência. 9Manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, 10para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra.”

### **2. Perguntas**

Para responder em grupos de 3/4 no máximo de 10 minutos.

Onde estamos? Porque estamos? Como estamos? Para onde Vamos?

### **3. Respostas**

### **4. Exposição**

**Tema:** Sacramento como missão

O que são os sacramentos?

R: Sinais sensíveis e eficazes, instituídos por Cristo para nos comunicar a graça.

- Sinais ou símbolos porque o sobrenatural expressa-se em linguagem humana.
- São eficazes porque nos comunicam a graça de Deus e nos enviam em missão.
- Instituídos por Cristo porque Nele se dá a união do espiritual ao material.

Sabemos que a Igreja foi, ao longo dos tempos, aperfeiçoando esta doutrina dos sacramentos. Dizemos que foram instituídos por Cristo por existem sempre por referência a Ele.

Ora, os sacramentos provocam um movimento em nós, quer interior quer exterior. Procurando entender este movimento, olharemos para este esquema que temos em mãos. Os sacramentos sendo um movimento interior de relação eu-Deus traduzem-se num segundo momento em acções concretas. Esta tradução prática da nossa fé é

aquilo que aqui entendemos por “Missão”. Ter em atenção que “Missão” não é um fazer sem mais.

Nesta apresentação iremos tentar analisar estes três fundamentais momentos da nossa caminhada espiritual e vital a partir de sete pontos, ou seja, a partir de cada um dos sacramentos. Dispensamos aqui a vertente simbólica dos sacramentos. Pressupõe-se que isto já seja um dado adquirido. E, segundo consideramos, embora seja importante, parece não ser o mais importante.

Peço-vos então disposição interior de mudança, porque sem ela a nossa presença aqui é inútil. Tudo o que se vai aqui dizer não tem fundamento se no fim não nos levar a perguntar a nós mesmos “o que quer Deus de mim?”.

Debrucemo-nos então sobre o esquema.

1. **Batismo** – É pelo batismo que realmente entramos na família cristã (Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,31-34). Vejamos, que a entrada nesta família não é algo de obrigatório, valorizando-se aqui a subjectividade pessoal. Certo que, se baptizado um bebé este não diz de sua justiça. Nestes casos é a família, nomeadamente os pais e padrinhos que assumem esta escolha. No entanto, não deixam de se comprometer a educar e a aconselhar esta criança até formação estável do seu sistema psíquico. Ora, este “aconselhar” atribui-se aos pais e padrinhos em relação ao baptizado num primeiro momento. Num segundo momento deve ser uma missão do próprio baptizado. Isto se deve reflectir na forma como anuncia o Evangelho, não numa lógica de obrigação, mas de proposição. Sim, esta proposta que se enquadra tão bem no nosso tempo, o tempo da imagem – não é bela a imagem que nos passa o Evangelho? Se assim é, teremos que a transmitir como tal. Este sacramento implica, então, o tornar-se “pedra viva” (1Pe 2, 5), aceitando o projecto comunitário de Deus. Por outras palavras, o ser Igreja e ser Igreja com (dinâmica da entrelajada e subsidiariedade). Sentimo-nos eleitos (cf. Jo 15, 16-19), mas não ficamos por aí, movimentamo-nos testemunhando a Boa-nova que nos foi revelada por Jesus, o Cristo de Deus. Este banho corporal e espiritual que nos impregna na totalidade, faz de nós, de mim, testemunhos vivos (a todos os níveis). Tornamo-nos, então, transportadores da fé que nos foi concedida por aqueles que já a tinham anteriormente (cf. 2Cor 4,7). Entenda-se aqui a palavra fé como um dinamismo que nos movimenta – ter em atenção que no Evangelho de São João a palavra “fé” nunca aparece, aparece sim a

palavra “crer” 98 vezes, pois, dela se pressupõe mais facilmente o movimento da nossa parte. Então o colher e compreender esta fé pressupõe a nossa atenção, o estar alerta – como diria Karl Rahner “estar à escuta da palavra”. A palavra que em hebraico se diz Dabar; em grego Logos e em latim Verbum. (**rbD' – Iogoj – Verbum**).

Para descomprimir: História rabínica da criação da pomba: Deus criou a pomba e colocou-a na terra. Ora, foi logo atacada por um gato. Sem demora foi protestar junto de Deus, pedindo-lhe uma solução; Ele fez-lhe umas asas. Ela voltou à terra e logo foi novamente atacada pelo gato. Furiosa foi outra vez junto de Deus dizendo: peçote uma solução e Tu ainda me destes mais peso para eu carregar? Deus, na sua habitual calma, respondeu: não tens as asas para carregar, pelo contrário, elas é que te devem carregar a ti. Aprendeu então a voar. Entenda-se aqui as asas como o Amor.

2. **Confirmação** – Na confirmação re-unimo-nos a esta dinâmica. Re-cor-damus (voltamos a dar o coração). Re-aceitamos e re-aventuramo-nos. Sabemos da presença do Paráclito (cf. Lc 3, 16-17) (ruha hebraico ou pneuma grego) (**x,W - pneuma**). Este faz-nos confiantes, oferece-nos a sua protecção. A nossa missão será precisamente essa: sendo marcados pelo fogo suave e abrasador de Deus moldarmo-nos e levando-nos a moldar o nosso próximo (cf. 2Cor 1, 14-22). Assim, na linha de pensamento de Wittgenstein: o que acreditamos não deve ser conduzido pelo que gostávamos de crer. É na confirmação que somos levados a perceber que Jesus Cristo não é o mediador único entre Deus e a humanidade, mas é o mediador definitivo. Nele se encontra o vértice de toda a dinâmica salvífica.

3. **Eucaristia** – A Eucaristia é o renovar da aliança (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Jo 6,51-59; 1 Cor 11,23-27) que desde da génese – princípio – (cf. livro do Génesis) Deus refaz connosco. É a nova aliança que nos faz re-cor-dare. Recordar o quê? A presença constante de Deus no meio das suas criaturas; recordar aquele momento histórico em que construiu a sua tenda no meio de nós. Se isto é a Eucaristia, só uma resposta pode sair da nossa parte, a participação. Esta participação que assegura, novamente, a “re-partição” igualitária do Pão-da-Vida por todos. É, sem dúvida o

sacramento da unidade. Aqui nos encontramos juntos para rezar. Ainda, com a certeza da presença de Deus, que nos aquece o coração. Porém, nesta dinâmica somos interpelados a dar uma resposta concreta: este sacramento termina com o envio. **“Ite Missa est”**, isto é, “ide sois enviados”. Enviados a quê – perguntamos. A anunciar a Boa-nova, a permanecer em constante oração. Sim, aquela oração que transforma e interpela. Aquela oração que praticamos em todos os momentos e lugares onde nos encontramos. Aquela oração do cobrador de impostos que nos relata o Evangelho de hoje (Lc 18, 9-14): oração humilde (humildade é a nossa natureza: somos feitos de húmus; aquele mesmo húmus com que Deus plasmou Adão). Esta oração deve perpassar toda a nossa vida, procurando calar os gritos do nosso agitado quotidiano para ouvir o retumbante silêncio de Deus. Sim, jamais a oração se esgota na Eucaristia, pelo contrário, esta é tão só a rampa de lançamento do resto da nossa acção vital.

Para descomprimir: Um homem tinha três amigos. Um dia precisou de ir à presença do Rei. Pediu ao melhor dos amigos que o acompanhasse; este disse-lhe que não podia. Falando com o amigo seguinte, este pôs-lhe uma condição: só o acompanharia até à porta do palácio. Ora, era precisamente a partir daí que começavam os problemas, logo também não serviu. Por último, dirigiu-se ao que ele menos confiava. Este, por sua vez, respondeu-lhe: “claro que te acompanho, até ficava triste se não me convidasses”. Aqui o 1ºamigo= a vida, é-nos tirada logo com a morte; o 2ºamigo= os amigos, só nos acompanham até à porta do cemitério; finalmente, o 3ºamigo= o Bem que fizemos fica connosco até nos encontrarmos com o Rei.

4. **Penitência e reconciliação** - Este é, do conjunto dos sacramentos, aquele talvez menos conhecido, mesmo por nós próprios. O que é, afinal a reconciliação? É, diríamos, o reflexo da boa vivência comunitária (cf. Act 19, 18). Sim, o confessar significa o reconhecer da nossa condição pecadora e o partilhar com a comunidade através do presbítero, a “mediação divina”. Isto, não é apenas uma libertação psicológica, mas sim um renascer profundo do nosso “eu”. É um olhar de novo o mundo. Isto porque, reconhecendo a nossa condição de pecadores, assumimos o compromisso do aperfeiçoamento. A própria Igreja reconhece o seu estatuto de pecadora, não obstante, procura aperfeiçoar-se. Diria sobre isto São Tomás de Aquino: “A Igreja é uma prostituta casta”. Esta é a dinâmica da confissão. Aqui

celebramos a “miserere-cor(dia)” de Deus – o Deus compassivo (padecer com) que deixa o seu coração sofrer por nós. Na sua encíclica “Deus Caritas est” o Papa dizia: “Na sua Cruz [de Cristo] cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o Homem e o salvar. É o Amor na sua forma mais radical”. Aqui a necessidade de penitência, como veículo de purificação e “treino” pessoais. Ora, tudo isto desagua no abandono em Deus (lembrar a oração do abandono do Ir. Carlos de Jesus). Mas, como os restantes sacramentos, também este não se esgota nele mesmo, impele-nos para a missão. Faz-nos dar testemunho dele como elemento de fortalecimento e unidade comunitária. Faz-nos, ainda, dar testemunho da felicidade com que vivemos, do facto de Deus ser sumamente bom e misericordioso, criando em nós um espírito crítico perante os problemas que nos tocam. Nas palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen: “Vemos, ouvimos e lemos... Como podemos ignorar?”. Missão fundamental será, em linguagem crente, não mais pecar.

5. **Matrimónio** – O sacramento do matrimónio, um dos mais exigentes, pois a relação directa com outra pessoa não é fácil. Porém, este sacramento leva-nos, de uma especial forma, a fazer convergir dois corpos e duas almas, duas pessoas que crescem como se de uma se tratasse. Aqui a castidade é fundamental (cf. 1Tm 4,13). Castidade não apenas sexual, que será relativamente fácil, mas acima de tudo castidade de coração. Esta castidade só pode ser conseguida pelo diálogo e partilha dos dois que se tornam um; pela sua mútua fidelidade. A dinâmica do Amor, unindo duas alianças, une-as ainda à aliança de Deus. É urgente adoptar-mos esta matriz porque, como diria Hans Jonas, “O futuro começou ontem”. Ora, este Amor implica, então, o deixar-se Amar, o que por vezes é o mais difícil, pois “perdemos” a nossa intimidade. Mas como defende Hans Urs von Balthasar: “A Amor se responde com Amor”. Implica, então, esse Amar o Outro (com maiúscula), sim, esse “Amar a Deus sobre todas as coisas” que encontramos no decálogo (cf. Dt 5; Ex 19, 16-20; 20, 2-17). Também na véspera da Sua paixão Cristo deixa o “mandatum novum” (mandamento novo) aos seus discípulos “o que vos mando é que vos ameis uns aos outros” (Jo 13,33-35; Mt 22,34-40; Mc 12,28-31; Lc 10,25-28). Sim, Esse Outro que bate constantemente às portas do nosso coração mas que teimamos em não lhas abrir, pelo menos na totalidade. [NB: quem de vós tem inimigos? Não têm inimigos? pois tratem de arranja-los e sabem porquê, é a eles que deveis amar (cf. Lc 6,31-36)]Num, último

momento esta dinâmica implica a co-responsabilidade e o ser exemplo. Sim, todos olham para nós e nos avaliam, quer queiramos quer não. Somos nós exemplares nas relações inter-pessoais, sobretudo quando envolvem esse especial Amor que faz convergir duas pessoas? É a pergunta que vos deixo.

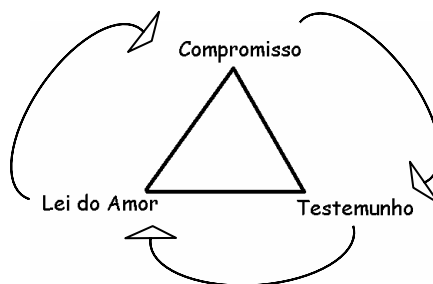
6. **Ordem** – Todos e cada um(a) somos chamados à consagração (cf. Act 15,14). Isto não implica necessariamente a nossa opção pelo sacerdócio totalmente consagrado, como os Padres ou Freiras – “vocações especiais”. Mas implica a nossa consagração ao Deus Uno e Trino que desde o Baptismo nos interpela. Dizia o Papa na sua mensagem para o Dia Mundial das missões de 2007 (81º dia): “Queridos irmão e irmãs, o mandamento missionário confiado por Cristo aos Apóstolos diz respeito verdadeiramente a todos nós”. De facto, a Caridade é a única virtude teologal eterna (quais são as outras? – porque é que esta é a única eterna?). Não esqueçamos porém que a consagração só se traduz quando, efectivamente, nos movemos na liberdade e sem os habituais constrangimentos. Diria sobre isto Karl Rahner: “Só tratamos das realidades fundamentais da nossa existência com actos de liberdade”. Nós, especialmente, estamos aqui como catequistas; é uma das formas de responder a esta consagração a que Deus nos chama. Sim, é uma das formas do dar de nós mesmos, uma das formas de IR/PARTIR em missão. A diakonia (**diakonia**) (o servir) a que qualquer membro da Igreja é chamado. Isto, em vista da continuação do projecto salvífico de Jesus, da construção da sua tenda no meio dos Homens. Porém, teremos que aceitar este projecto como o projecto divino e não como nosso próprio projecto. Logo, a importância da convergência de todos para o mesmo objectivo, como, de resto, nos falava o Pe. Valentim no passado Domingo; interpelava-nos ele: “podemos cada um avançar em seu trilho, porém se caminhamos paralelamente, e não em convergência como poderemos construir a comunidade?”. A compressão, a aceitação e o diálogo entre todos (todos mesmo) os elementos da comunidade são fundamentais. Para descomprimir: O rei Salomão um dia foi confrontado com o seguinte problema (baseado na história daquele menino que tinha duas mães): um dia um jovem ia casar-se, mas eram duas as noivas que diziam ser a verdadeira. Salomão chamou as sogras e disse-lhes: vou cortar este noivo a meio, o que pensam? Uma discordou e outra concordou. A quem é que ele entregou o noivo. Pois claro, a filha da senhora que sugeriu que o noivo fosse cortado a meio, esta é que iria ser a verdadeira “sogra”.

7. **Unção dos doentes** – Este sacramento... No qual desagua todo esta caminho vital. Revela a esperança escatológica, a parusia (vinda) do Senhor. É o momento em que verdadeiramente poderemos exclamar “mistério da fé”. Aqui culmina a nossa peregrinação sob a terra, esperando a contemplação face-a-face de Deus. Aqui olhamos para trás, avaliamos o conjunto da nossa vida; perguntamo-nos: Amas-te? Respondemos: Amei!. Se assim for teremos sido semente (Mc 4,21; 9,50; Lc 8,16; 11,33; 14,34-35) do reino.

## 5. Conclusão

Meus amigos e minhas amigas, vemos que em toda esta dinâmica apresentada que “a Igreja é por sua natureza missionária” (Papa João Paulo II – encíclica “Redemptoris Missio”). Diríamos nós, falar em Cristãos missionários não é mais do que uma redundância.

Vejamos este esquema:



## 6. Oração Final: Mt 5, 13-16

### Sal da terra, luz do mundo

<sup>13</sup>«Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. <sup>14</sup>Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; <sup>15</sup>nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. <sup>16</sup>Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.»

### Oração do Catequista:

Senhor, chamas-te-nos a ser catequistas na tua Igreja e na nossa paróquia. Confias-te-nos a missão de Anunciar a Tua Palavra, de denunciar o pecado, de testemunhar, com a nossa vida, os valores do Evangelho. É pesada, Senhor, a nossa responsabilidade, mas confiamos na tua graça. Faz-nos Teus instrumentos para que venha o Teu Reino, Reino de Amor e Paz, de Fraternidade e Justiça. Ámen.